

## Apresentação

Nesta edição de *O Eixo e a Roda*, dá-se continuidade ao dossiê sobre Teatro Brasileiro, iniciado no número anterior. Além dos artigos, o presente número traz duas resenhas de livros publicados recentemente sobre o tema. A seção “Varia” inclui, ainda, três artigos de temáticas distintas.

A primeira parte deste número apresenta quatro artigos que trazem à luz informações e posicionamentos sobre a história do teatro e dois artigos que abordam como o teatro traz ferramentas para pensarmos a sociedade.

Kátia Paranhos discute a relação entre história e teatro com base na ideia de engajamento político e aponta, com isso, algumas lacunas deixadas pelo discurso histórico tradicional. A autora revê, a partir de tal proposta, os lugares estabelecidos e pontua a importância dos movimentos periféricos para o teatro brasileiro. Em *Um barítono nos trópicos*, Alessandra Vannucci parte da óptica de Giuseppe Bonfi – um pedreiro lombardo que veio ao Brasil e aqui se empregou inicialmente como corista do Teatro Lírico Fluminense e barítono de igreja, escrevendo posteriormente um misto de relato de viagens e romance de formação – para narrar fatos ligados à presença dos europeus, particularmente de italianos, na metade do século XIX, na Capital Federal, provocando o que a autora denomina “febre lírica”, dada a quantidade de apresentações desse tipo na Corte carioca.

João Roberto Faria e Regina Claudia Garcia Oliveira de Sousa investigam igualmente o teatro do século XIX. Contudo, enquanto o primeiro analisa a revista de ano *O homem* – escrita em 1888 por Arthur Azevedo, em parceria com Moreira Sampaio, a partir do romance homônimo de seu irmão, Aluísio Azevedo –, dando destaque à construção da comicidade no texto dramático e às características do gênero, Regina Garcia explora algumas peças do século XIX, especialmente textos ligados ao romantismo, para examinar o problema da escravidão e suas consequências atroz para a sociedade brasileira.

Alberto Ferreira da Rocha Júnior analisa algumas peças de teatro, mais particularmente *O patinho torto ou os mistérios do sexo*, de Coelho Neto, além dos espetáculos de Dzi Croquettes e outros textos do teatro brasileiro, com base na perspectiva *queer*, compreendendo as tensões

acerca da diversidade sexual e de questões LGBTQ representadas na dramaturgia nacional. Já Rubens da Cunha analisa *O verdugo*, uma das peças mais conhecidas de Hilda Hilst, explorando a revolta – base do texto dramático a partir da personagem principal, o verdugo – como um princípio ético capaz de revolucionar as estruturas sociais.

A seção “Varia” abre-se com o estudo pormenorizado de José Américo Miranda em torno de uma possível “teoria da crônica” a ser depreendida da obra de Machado de Assis. Acompanhando o percurso de formação do cronista Machado de Assis, desde seus escritos de folhetim até a composição de uma nova forma construída com sua crítica à vida política, à cena teatral e ao mundo literário, o autor destaca a importância do devaneio, “capital próprio do cronista” que, à imagem de um colibri, voeja “sobre tudo quanto é assunto”. A leveza da forma, no entanto, não deve iludir sobre a seriedade dos assuntos tratados nas crônicas machadianas nem sobre o alcance de uma verdadeira renovação da linguagem que vai ali sendo produzida.

Em seguida, tomando como referência dois contos de Aníbal Machado, Carlos Augusto Magalhães examina o modo como o escritor registra o encontro de migrantes com a cidade, esta considerada como “espaço e tempo da modernidade”. Uma análise sobre as experiências da rua e os “jeitos de deambular” do personagem Ataxerxes, bem como os modos de contemplar de José Maria, em que a moldura da janela remete ao erotismo das lembranças dos seios de Duília, permitem ao autor produzir uma interessante reflexão sobre a imersão do indivíduo na cidade moderna e os efeitos de errância e de melancolia que podem levar, como lembra Starobinski (citado por Magalhães), a um “confinamento que interrompe toda relação ativa com o mundo exterior”.

Já Enivalda Nunes Freitas Souza e Maria Goretti Ribeiro nos apresentam uma reflexão sobre a função dos mitos e da natureza nos *Cantares Amazônicos* do poeta Paes Loureiro. Percebem na poesia de Loureiro uma tendência à “remitologização e à transculturação” da Amazônia, cuja natureza original teria sido “invadida, degradada e dessacralizada” com o capitalismo. As autoras procuram destacar os “fundamentos míticos” dessa poesia, chamando a atenção, entre outros aspectos, para a presença da água e da floresta, bem como de um “imaginário genesíaco impregnado de viscosidade seminal” que emana do “lirismo fluvial” do poeta paraense.

Por fim, os leitores são convidados a acompanhar as resenhas de dois livros publicados recentemente no Brasil que abordam o pensar e o fazer teatro no país. Flávia Almeida Vieira Resende nos apresenta o *Teatro latino-americano em diálogo*, de Sara Rojo, um interessante estudo das relações entre teoria, crítica e prática teatrais na América

Latina a partir do diálogo entre a crítica e o fazer artístico e deste com a realidade que o envolve. E Carolina Bassi de Moura resenha a obra *Cenografia brasileira*, do importante cenógrafo brasileiro José Carlos Serroni. Bassi chama a atenção para a amplitude temática do livro, que vai de um estudo conceitual da arte da cenografia até a apresentação e discussão de trabalhos cenográficos destacados pelo seu autor.

Elen de Medeiros  
Larissa Neves  
Ram Mandil